



Fachada 1, Tom Boechat

Encontros entre experiências de ser criança em São Paulo e São Gabriel da Cachoeira

Meetings between experiences of being a child in São Paulo and São Gabriel da Cachoeira

Resumo

O presente trabalho apresenta as ações e reflexões realizadas no projeto “Correspondências entre diferentes experiências de infância brasileiras”, no período de 2017 a 2018, com crianças de 4 a 6 anos de idade. As atividades envolveram o ensino, a pesquisa e a extensão universitária na troca de correspondências entre crianças de São Paulo - SP e São Gabriel da Cachoeira - AM. O projeto foi realizado por meio de rodas de conversas, registros fotográficos e gráficos sobre o cotidiano das crianças, bem como um levantamento documental e bibliográfico sobre as comunidades indígenas no território brasileiro. Essa ação contribuiu para a mudança de perspectiva das crianças a respeito dos povos originários e a formação continuada das educadoras envolvidas no processo.

Palavras-chave: crianças indígenas; crianças pequenas; experiências de infância; educação para as relações étnico-raciais; extensão universitária.

Nadia Massagardi Caetano
da Silva
Ana Paula Santiago do
Nascimento

nadia.massagardi@unifesp.br
ana.santiago@unifesp.br

Abstract

This paper presents the actions and reflections carried out in the project “Correspondence between different Brazilian childhood experiences” carried out in the years 2017 and 2018 with children from 4 to 6 years of age that involved teaching, the research and university extension in the exchange of correspondence between children of São Paulo - SP and São Gabriel da Cachoeira - AM. It was carried out through circles of conversations and photographic and graphic records on the daily lives of children and documentary and bibliographical surveys on indigenous communities in Brazil. This action contributed to the change of perspective of children about indigenous peoples and the continuing education of educators involved in the process.

Keywords: Indigenous children; young children; childhood experiences; education for ethnic-racial relations; university extension.

INTRODUÇÃO

Através desses escritos se apresentará uma experiência de troca de correspondências entre crianças da cidade de São Paulo (estado de São Paulo) e crianças indígenas de São Gabriel da Cachoeira (estado do Amazonas), em 2017 e 2018. A proposta foi desenvolvida por meio de um projeto de extensão cadastrado junto à Pró Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e a escola de educação básica envolvida, com a contribuição de profissionais que atuavam à época no Instituto Socioambiental (ISA), que se prontificaram a entregar as cartas para os grupos de crianças na Amazônia em ocasião de suas viagens a campo. Ainda que o projeto não tenha sido concluído de forma satisfatória, pretende-se aqui discorrer sobre a experiência, identificando no processo os ganhos observados.

Considerando o tripé que sustenta a universidade pública - e por conseguinte a escola que dela faz parte - que implica as ações de ensino, pesquisa e extensão, este trabalho se apresenta como fruto da indissociabilidade de tais aspectos: nasce a partir de uma atividade de ensino desenvolvida junto às crianças da educação infantil, organizado por uma pesquisadora no campo da infância indígena, e se desdobra para além dos muros da universidade, em uma proposta de troca com as crianças de uma comunidade indígena. Assim, de forma concomitante, tais ações se retroalimentaram e se desdobraram em novas ações, produzindo novos conhecimentos, novas pesquisas, novos saberes.

Não se trata mais de “estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade”, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática. (FORPROEX, 2012)

Como ação que nasce da prática pedagógica junto a um grupo de crianças da educação infantil, o projeto teve como objetivo central viabilizar a troca de experiências e saberes entre as crianças urbanas paulistanas e as crianças indígenas da floresta amazônica. Tomando como referência primeira a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 1996, em seu parágrafo XII, temos a diversidade étnico-racial como um princípio a ser seguido nas práticas de ensino, o que foi complementado pela alteração na LDB, com a Lei nº 11.645 de 2008 que incluiu no currículo da Educação Básica a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, indicando o papel da escola no reconhecimento dos saberes e culturas que compõem a sociedade brasileira. Desse modo, deve-se oferecer subsídios para que as crianças possam conhecer a diversidade e valorizá-la como fator constituinte de nosso país. No âmbito da educação infantil, temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) que preconizam propostas que devem ser desenvolvidas a fim de assegurar “a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos originários, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América” (p. 21).

Tudo isso posto e considerando o papel fundamental da escola (desde a educação infantil) na formação da identidade de meninos e meninas, ao promover a troca de correspondências entre crianças de São Paulo e as crianças indígenas

de comunidades da Amazônia, buscou-se ampliar a iniciativa para acessar vozes e mundos das crianças de ambos os grupos. Ao proporcionar o diálogo entre crianças de contextos sociais, culturais e geográficos tão distintos, buscou-se favorecer o que seria uma das funções primeiras da educação infantil, segundo as referidas Diretrizes: a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Desde muito pequenas, as crianças devem ser mediadas na construção de uma visão de mundo e de conhecimento como elementos plurais, formar atitudes de solidariedade e aprender a identificar e combater preconceitos que incidem sobre as diferentes formas dos seres humanos se constituírem enquanto pessoas. Poderão assim questionar e romper com formas de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa, existentes em nossa sociedade e recriadas na relação dos adultos com as crianças e entre elas. Com isso elas podem e devem aprender sobre o valor de cada pessoa e dos diferentes grupos culturais, adquirir valores como os da inviolabilidade da vida humana, a liberdade e a integridade individuais, a igualdade de direitos de todas as pessoas, a igualdade entre homens e mulheres, assim como a solidariedade com grupos enfraquecidos e vulneráveis política e economicamente. Essa valorização também se estende à relação com a natureza e os espaços públicos, o respeito a todas as formas de vida, o cuidado de seres vivos e a preservação dos recursos naturais (BRASIL, 2009, p. 08).

Ao optar pelo desenvolvimento de uma ação junto à uma comunidade indígena, compreende-se a importância de tornarmos visíveis às nossas crianças paulistanas a existência dos povos originários, valorizando suas práticas, seus saberes, para que conheçam um pouco de suas vidas e culturas. Se há tantos anos existem e resistem as mais de 300 etnias no país¹, notamos em nosso cotidiano um grande desconhecimento em relação às mesmas pelas crianças e mesmo entre as pessoas adultas. Soma-se a essa percepção, o contexto desfavorável a estes povos que se estabeleceu de forma mais contundente naquele período, sob o governo de Michel Temer (Movimento Democrático Brasileiro -MDB), que nos sensibilizou para uma maior atenção à causa indígena e a um engajamento maior em suas lutas.

1. De acordo com dados do Censo IBGE 2010, existem 305 etnias indígenas no país, falantes de 274 línguas.

Vale destacar que o projeto se desenvolveu entre os anos 2017 e 2018, período que sucedeu ao golpe que destituiu a presidenta Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores - PT) e sucessão a presidência de Michel Temer. Além disso, foi o período que antecedeu a eleição de Jair Messias Bolsonaro (Partido Social Liberal - PSL, e atualmente no Partido Liberal - PL), cuja atuação foi especialmente nociva aos povos originários do Brasil. Tal conjuntura política, além de nos mobilizar para ação, foi também responsável por seu fim, quando, em 2018, com a eleição de Bolsonaro para a Presidência da República, pudemos acompanhar a intervenção direta do governo federal nos territórios indígenas da região amazônica, com a chegada do exército e expulsão de antropólogos e demais pesquisadores que atuavam nas comunidades, com as quais nos correspondíamos. Situação que inviabilizou a continuidade de nosso projeto, pois, uma vez que nossos apoiadores foram impedidos de acessar as comunidades nas quais realizavam seu trabalho, qualquer possibilidade de contato foi perdida.

METODOLOGIA: DA PESQUISA AO ENSINO E À AÇÃO DE EXTENSÃO, ESTRATÉGIAS DE ATUAÇÃO

Anteriormente às práticas de ensino e à realização da atividade de extensão, a proposta nasceu da pesquisa de uma professora da escola² que, em seu processo de investigação acerca das crianças indígenas e suas experiências de infância, propôs às professoras das turmas a realização da correspondência. Com o aceite do convite, a pesquisa logo se desdobrou em uma ação de extensão. Vale ressaltar que a proposta coincidia com as intencionalidades pedagógicas previstas para o agrupamento envolvido, correspondendo também a uma demanda das atividades de ensino realizadas junto às crianças da unidade escolar envolvida.

Destacamos que no desenvolvimento de nossas ações junto às crianças pequenas, intencionamos favorecer o processo das crianças de percepção de si, do entorno, do grupo e sensibilizá-las para perceber que existem outros lugares, outras experiências possíveis de infância: que existem crianças em outros lugares, outros espaços, outras cidades, outras realidades sociais, para além do que possam imaginar. Se em um primeiro momento partimos de nossas intencionalidades pedagógicas e de nossa prática de ensino junto às crianças com as quais atuamos, nos preocupamos também em acessar as crianças amazônicas, para que pudessem nos conhecer, mas sobretudo para que pudessem se fazer conhecer. Ainda que não pudessemos garantir o protagonismo das mesmas, dada a distância física, buscamos estratégias para que pudessem se apresentar e apresentar o que lhes parecesse significativo de seus mundos através das cartas e fotografias.

É importante ressaltar que, junto às cartas escritas pelas crianças, foi enviada uma carta aos educadores e educadoras das comunidades apresentando a proposta, com intuito de que pudessem avaliar a pertinência da atividade. Além disso, foi enviado um e-mail à coordenação geral da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), o que nos foi orientado pelos parceiros mediadores do ISA, para que a troca só fosse feita com aval das lideranças e das comunidades. Nesse sentido, buscamos uma interação dialógica, que contasse com a participação e o comprometimento dos envolvidos, para que houvesse, de fato, a construção de novos conhecimentos.

Tivemos como inspiração metodológica a “ecologia de saberes” que, tal como nos propõe Boaventura de Souza Santos (2013, p. 76), “consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígena, de origem africana, oriental etc.) que circulam na sociedade”. Através de conjuntos de práticas, buscamos promover uma convivência ativa de saberes, ainda que limitadas às condições para as trocas, tendo como pressuposto que todos eles, incluindo o saber científico, se podem enriquecer nesse diálogo.

Nessa perspectiva, além das cartas, foram enviadas também câmeras fotográficas que pudessem ser usadas como um recurso para enriquecer a apresentação do contexto de vida das crianças. As câmeras digitais, já equipadas com cartões de memória, foram entregues nas comunidades para que ficassem de forma permanente e apenas os cartões, com as fotos, seriam enviados para São Paulo.

2. “Correspondências entre pequenas infâncias indígenas e urbanas: palavras, desenhos e fotografias como fontes indiciárias sobre ser criança na cidade de São Paulo”

DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÕES: REFLEXÕES SOBRE O VIVIDO

A troca de cartas foi iniciada pelas crianças de São Paulo, a partir de um convite feito pela professora de uma das turmas. Para a elaboração das mesmas, após conversa com as crianças sobre a ação e de como iria acontecer, sentamos por alguns dias em roda para elaborar a carta de forma coletiva. Inicialmente, combinamos o que iríamos contar para as crianças indígenas e depois faríamos as perguntas. Na primeira parte a escolha foi em relatar como era a nossa escola e a nossas casas, seguido dos nossos hábitos alimentares.

Após organizar o que iríamos escrever, as crianças levantaram as possíveis perguntas que queriam fazer. Após o levantamento, fizemos a seleção de algumas para não ficar uma carta muito longa. Também, as crianças se organizaram para levar a máquina fotográfica para casa e fotografar coisas que quisessem mostrar para os nossos novos amigos, além de terem feito desenhos de como era a escola para que pudéssemos apresentá-la. Diariamente, víamos as fotos e selecionávamos o que seria enviado de cada crianças junto com a carta e os desenhos.

Como a atividade foi realizada em duas turmas de infantil I (crianças com 4 e 5 anos de idade), foi feito um acordo do que ficaria na carta final. Segue a transcrição da carta elaborada pelas crianças de São Paulo:

Queridos Amigos,
Estamos muito felizes em conversarmos com vocês e conhecer um pouco de suas vidas. Aqui onde moramos, em São Paulo, vamos para a escola de uniforme, usamos boné, mas não tem boné no uniforme. Na nossa escola tem ventilador, cadeiras e mesas, armários, colchonetes (onde descansamos depois do almoço), tem tv também na sala da professora Meire[1], é nessa sala que a gente dorme depois do almoço. A nossa escola tem escada e elevador, temos três andares de salas e um solário no quarto andar. Temos gancho para colocar as bolsas dentro da sala, na sala do Infantil 1A não cabe todas as bolsas então colocamos as bolsas fora da sala, já na sala do Infantil 1 B tem bastante ganchos, cabem todas as bolsas lá dentro.
Temos banheiros aqui na escola, que tem sabonete e papel. Temos um parque que tem: motocas, casinha, escorregador, cavalo (de plástico), árvore que pode subir e balanço.
Temos também aula de educação física com o professor Alex. Na nossa escola também fazemos festa junina e trazemos garrafinhas com água todos os dias.
Na nossa escola a gente brinca com fantasias, materiais de sucata, massinha e pecinhas de monta-monta. No mês das crianças (outubro) construímos alguns brinquedos de reciclagem.
Uma coisa bem interessante: temos minhocas aqui na escola. Ah, e uma cabana para entrarmos com os brinquedos.
Nas nossas casas dormimos em berços ou camas, temos chuveiros e alguns de nós tomamos banho em banheiras; no nosso banheiro também tem vaso sanitário.
Comemos em pratos ou bandejas, alguns de nós preferem as bandejas, com colher, garfo ou faca...,mas também preferimos a colher (nem todos, claro).
Para ir até a escola vamos de pé (quem mora perto), de carro, moto, ônibus ou metrô.
Temos mercados onde compramos com dinheiro carne, comida, frutas. Também tem uma farmácia perto da escola.

Agora queremos saber um pouco de como é a rotina de vocês. Queríamos saber:

- 1) Se plantam alguma coisa por aí. aqui a gente planta girassol, cenoura, saladas, abóbora, maçã e tomate;
- 2) Como é a escola de vocês?
- 3) Vocês usam o barco para ver o jacaré?
- 4) Por que usam flecha para caçar peixes e jacaré?
- 5) Vocês caçam os bichos para comer? comem cru? Fazem fogueira? como fazem?
- 6) Vocês usam a cama para dormir e descansar?
- 7) Vocês tem açai, sorvete e iogurte por aí? Aqui temos e gostamos muito;
- 8) Existem indígenas bebês?
- 9) Como são as casas onde moram
- 10) Vocês tem geladeira?
- 11) Vestimos roupas aqui e vocês como são suas roupas?
- 12) Vocês tem bastante brinquedos?
- 13) Tem parquinho na escola de vocês? e quadra?
- 14) Vocês levam mochila para a escola?

Fizemos alguns desenhos para vocês verem como é a nossa cidade e escola.

Estamos esperando a carta de vocês.

Beijos

Crianças do Infantil I do Núcleo de Educação Infantil - Paulistinha

Na leitura da Carta construída pelas crianças de São Paulo é possível identificar o que estava no imaginário das crianças ao se referirem aos povos originários. Ficou evidente a necessidade da continuidade de conversas sobre os povos e seus costumes, para que fossem combatidos os muitos preconceitos revelados nas falas das crianças, que colocavam os povos originários em um lugar de mito, de folclore, herança de nossa educação colonizadora. Como função da educação, o trabalho se direcionou para a desconstrução desse imaginário, “contra o folclore, contra todas as sedimentações tradicionais de concepções do mundo” (GRAMSCI, 2000, p. 42) que contribui para a manutenção do status quo.

Falamos diversas vezes que iríamos enviar a carta para as crianças indígenas, de uma escola como a nossa. As perguntas sobre as roupas que usavam (e se usavam), a forma que se alimentavam e dormiam/descansavam já eram esperadas por nós docentes ao iniciarmos o projeto, porém nos surpreendeu de forma negativa (acreditávamos mais no trabalho sendo feito com as crianças sobre os povos originários em anos anteriores e no próprio ano letivo) a pergunta de uma das crianças, sobre a existência de bebês indígenas. Esse questionamento nos fez ver, “sem sombra de dúvidas”, a necessidade urgente de retomarmos as discussões sobre os povos originários.

Assim que essa pergunta foi feita pela criança, a professora a questionou novamente perguntando se essa questão faria sentido a respeito de outras pessoas. Ela refletiu sobre a questão, ouviu a indagação de uma outra criança sobre a obviedade

da resposta e se pôs pensativa. Como uma criança muito sabida, “se deu conta” que não fazia sentido seu questionamento, só não percebeu de onde veio a motivação para fazê-la e, muito menos, do que essa pergunta havia significado na formação das professoras que as acompanhavam nessa caminhada escolar. Inicialmente, pensamos em não enviá-la, pois é uma pergunta que fere, desrespeita, coisifica os povos originários. Porém, decidimos deixá-la na carta das crianças, para explicitar a nossas fragilidades de povos não indígenas e nossa incapacidade, ainda existente (e persistente), de ensinar as nossas crianças a existência de outras etnias e formas de viver nesse mundo - que para elas se apresenta a pouco tempo.

A carta e os materiais produzidos foram então entregues aos colaboradores do ISA, que se prontificaram a mediar as trocas. Em campo, entregaram as cartas para a Comunidade São Felipe, no igarapé Castanho, afluente do Tiquié, etnia principal Yebá-Mahsã (conhecidos como Makuna); para a Comunidade São José II, Escola Tukano Yupuri, Rio Tiquié, etnia principal Tukano; e também para a Comunidade São Pedro, Escola Tuyuka Utapinozona, etnia Tuyuka. Apenas em uma delas, na São José II, houve uma mediação na entrega do material, com uma reunião com professores e uma apresentação da proposta. Nas demais, a apresentação foi feita em uma oficina dos pesquisadores indígenas, para que estes levassem as propostas às comunidades. Vale destacar a importante atuação desses parceiros, indicando estratégias, adequação de termos, formas de estabelecer comunicação e oferecendo referências sobre as comunidades que tão bem conheciam.

A importância dessa parceria se revelou em um cuidado que uma de nossas parceiras-mediadoras teve nas trocas, ao não reproduzir algumas perguntas às pessoas. A mediadora, bióloga do ISA, destacou algumas questões problemáticas, como a da existência de bebês indígenas; e nos alertando para outras, como a descrição das crianças sobre o prédio da escola e, sobretudo, do que o compunha, no qual poderia soar como ostentação, sugerindo que déssemos mais foco às experiências que às coisas que constituem o cotidiano das crianças em São Paulo.

A criação da carta, desenhos e fotos se apresentou às crianças como uma importante ação. As crianças sabiam que esse retorno poderia demorar muito ou mesmo não acontecer, mas esse não era motivo para não perguntarem sobre a resposta de tempos em tempos. Durante o tempo de espera, souberam que as crianças tinham recebido a carta, os desenhos e fotos, e ficaram satisfeitos de que outras crianças saberiam de sua existência, e um pouquinho de como viviam a infância na nossa escola/território. A resposta só chegaria no ano seguinte, quando algumas crianças já estavam em outras escolas. Ainda que as cartas tenham sido recebidas com entusiasmo, recebemos apenas uma resposta, que segue transcrita abaixo:

A nossa escola é coberta com telha de barro e fechada com parede de madeira (tábua) e possui um pomar. Jacaré por aqui é difícil de ver, os nossos pais costumam de ver a noite pescando ou caçando. Hoje em dia não usamos muito a flecha para pescar e caçar, os nossos pais usam muito anzol, linha de pesca para pescar peixes e espingarda (arma de fogo) para caçar. Nós mesmos não caçamos somente os nossos pais caçam Paca, Cutia, Macaco, Jacaré e algumas Aves e comemos cozido para fazer fogo primeiro colocamos isca de fogo e acendemos com fósforo ou isqueiro. Para dormir e descansar não usamos cama, nós dormimos na rede, pertinho da rede de nossos pais. Por aqui nós temos muito açai, preparamos vinho de açai colocamos farinha, tapioca, suco de manga e de morango e gostamos muito sorvete e iogurte por aqui não temos, tomamos isso só quando estamos na cidade geralmente nossas casas são cobertas com zinco de alumínio palha, fechada com paredes de tábua e alguns com casca de envira e não temos geladeira nas nossas casas usamos camiseta de algodão e bermuda jeans e seda calçamos sandálias havaianas o nosso brinquedo preferido é Tomar banho e brincar na cachoeira não temos parque e quadra da nossa escola. Não usamos mochila na escola, guardamos nossos cadernos e lápis no saco plástico e carregamos na mão e mandamos nossas fotos para vocês conhecerem um pouco da nossa realidade.

Badrigo



Por aqui nós plantamos Açai do Pará, Maniva, Abacaxi, Cana e muito mais. A nossa escola é coberta com telha de barro e fechada com parede de madeira (tábua) e possui um pomar. Jacaré por aqui é difícil de ver, os nossos pais costumam ver à noite pescando ou caçando. Hoje em dia não usamos muito a flecha para pescar e caçar, os nossos pais usam muito anzol, linha de pesca para pescar peixes e espingarda (arma de fogo) para caçar, nós mesmos não caçamos somente os nossos pais caçam Paca, Cutia, Macaco, Jacaré e algumas Aves e comemos cozido para fazer fogo primeiro colocamos isca de fogo e acendemos com fósforo ou isqueiro. Para dormir e descansar não usamos cama, nós dormimos na rede, pertinho da rede de nossos pais. Por aqui nós temos Muito açai preparamos vinho de açai colocamos e gostamos muito sorvete e iogurte por aqui nós não temos isso só quando usamos estamos na cidade geralmente nossas casas São cobertas com zinco de alumínio palha, fechada com paredes de tábua e alguns com casca de envira e não temos geladeira nas nossas casas usamos camiseta de algodão e bermuda jeans e seda calçamos sandálias havaianas o nosso brinquedo preferido é Tomar banho e brincar na cachoeira não temos parque e quadra da nossa escola. Não usamos mochila na escola, guardamos nossos cadernos e lápis no saco plástico e carregamos na mão e mandamos nossas fotos para vocês conhecerem um pouco da nossa realidade. Obrigado.

3. Disponível em: <https://mirim.org/es>. Acesso em 13/04/2023 às 9h25.

4. RICARDO, Fany (org.). Povos indígenas do Brasil Mirim. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2015.

Com a chegada da carta-resposta das crianças de São Paulo e com a alteração de parte das crianças das turmas envolvidas, as professoras retomaram com as crianças o processo realizado no ano anterior e apresentaram a resposta que havíamos recebido.

Essa distância entre o envio e a resposta foi importante, para que pudéssemos retomar com as crianças algumas discussões realizadas na época da escrita da carta. A visualização das imagens enviadas pelas crianças indígenas também foi importantíssima para as discussões realizadas.

As crianças, agora do Infantil II (com 5 e 6 anos de idade), construíram uma carta de agradecimento às crianças indígenas, dando continuidade ao diálogo iniciado. Este processo envolveu, para além da escrita, a oportunidade de um trabalho mais abrangente sobre os povos originários no Brasil. Em um mapa, apresentamos às crianças a localização da comunidade em que viviam as crianças indígenas, acrescidas de imagens da região. Também apresentamos, através do conteúdo do site ISA Mirim³ e do livro⁴, referências sobre a etnia das mesmas, com imagens, informações sobre a língua que falam, entre outros. Ao acessar tais conteúdos, oferecemos também a oportunidade de que as crianças tivessem alguma dimensão da quantidade de povos e línguas existentes no território nacional.

Ainda com intuito de que as crianças pudessem compreender a presença indígena na atualidade, como pessoas reais, concretas, que constroem suas vidas no cotidiano, convidamos uma mulher indígena da etnia Fulni-ô, que vive em contexto urbano na cidade de São Paulo, Patrícia Rodrigues, também conhecida como *Pagu*. Em sua presença, as crianças puderam fazer perguntas, ouvir sobre seu povo, sua história e, ainda, ouvi-la falar sua língua, o *yatê*. Este contato também ofereceu às crianças uma referência sobre os povos originários do Nordeste, cuja vida se difere muito dos que vivem na Amazônia: localizamos no mapa, mostramos imagens de suas casas, contamos sobre sua história, chamamos atenção para o fato de terem preservadas a sua língua. Ao receber uma indígena moradora da cidade de São Paulo, contamos às crianças sobre a existência de muitos povos na cidade e intencionamos inclusive visitar uma das duas terras indígenas Guarani Mbya do município, o que não se concretizou por demandas e questões próprias da dinâmica escolar.

Com todo esse trabalho desenvolvido, tivemos a segunda carta, que nos pareceu menos carregada de estereótipos e preconceitos:

Oi, amigos!
Obrigada pela carta de vocês! Gostamos muito!
Achamos muito bonitos os desenhos de vocês!
As fotos que vocês mandaram nos deixaram com muita vontade de nadar em um rio! Por aqui a gente não nada no rio porque o rio está cheio de lixo e a gente pode pegar alguma doença. Nossos rios são sujos e muito fedorentos e os peixes morreram, porque em alguns rios cai água do esgoto.
Nossa turma se chama Turma dos Gigantes de todas as cores. Vocês conhecem alguma história de gigante?
A gente gosta muito de brincar de dança da cadeira. Vocês conhecem essa brincadeira? Quando estamos na escola também gostamos de brincar de esconde-esconde e pega-pega. Vocês também gostam?

Nós falamos português e conhecemos algumas palavras em inglês.
Que língua vocês falam? Podem nos ensinar algumas palavras?
Bye! Bye!
Beijos da Turma dos gigantes de todas as cores (Infantil IIA)

Para acompanhar estes escritos, as crianças produziram algumas fotos na companhia de suas famílias, a partir do convite de que apresentassem um pouco sobre a São Paulo que conhecem e vivem. O diálogo, entre as imagens produzidas por crianças amazonenses e paulistas, enriqueceu bastante as trocas, tornando visíveis as experiências tão diversas de ser criança.



Imagem 1: foto de São Gabriel da Cachoeira (AM)

Fonte: Acervo das autoras



Imagem 2: foto de São Paulo (SP)

Fonte: Acervo das autoras

Infelizmente, apesar de ter sido acompanhada por um processo muito rico e significativo para as crianças, a segunda carta não chegou a ser entregue às crianças de São Gabriel da Cachoeira, pois, conforme mencionado anteriormente, a expulsão de nossos parceiros do território indígena em decorrência da intervenção do exército, inviabilizou nosso contato com a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos identificar que, através da prática extensionista apresentada, houve ganhos consideráveis nos processos de ensino e aprendizagem junto às crianças, bem como ganhos significativos para a pesquisadora proponente, tendo essa ação um grande potencial para integrar ensino e extensão na educação básica.

Foi possível observar o quanto o processo foi significativo para as crianças com as quais se realizava as atividades de ensino, promovendo muitas aprendizagens e contribuindo para a superação de determinados preconceitos. Nos frustra o fato de que talvez não tenha sido tão importante para as crianças com as quais nos correspondemos. Entretanto, no que se refere à atividade de extensão propriamente dita e seus objetivos iniciais, avaliamos que, talvez pelo fato de que as trocas tenham sido poucas e o contato bastante escasso, este não pode se cumprir plenamente. Ainda que tenhamos nos empenhado para fazer ecoar as vozes das crianças indígenas através de suas palavras, desenhos e fotografias, reconhecemos que pouco sabemos sobre sua participação, de que forma estavam sensibilizadas com as trocas. Não identificamos de que forma a ação foi percebida pela comunidade envolvida.

Destacamos a importância da parceria com profissionais que trabalham na região, que além de viabilizarem que os objetos (carta, desenhos, máquina) chegassem ao seu destino, possibilitou refletirmos sobre o conteúdo da produção das crianças e como isso poderia ser “lido” por nossos interlocutores. Neste sentido, atribuímos o fato de termos recebido resposta apenas da comunidade onde houve a mediação direta e supressão de perguntas como um indício de necessidade de vínculo, confiança na mediação e, principalmente, como uma revelação da inconveniência de algumas perguntas feitas pelas crianças, na expressão do preconceito posto em nossa sociedade.

A possibilidade de mantermos a proposta de trabalho com as crianças durante um período mais longo e, principalmente, de poder se utilizar de diferentes recursos como fotos, desenhos, documentários, curtas, mapas, livros e roda de conversa com uma indígena, foi fundamental para a formação das crianças e das educadoras envolvidas. Esse período vem se estendendo ano após ano no trabalho com essas crianças, que, mesmo com outras educadoras, vem construindo uma nova relação com as culturas dos diferentes povos originários.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, de 23 de dezembro de 1996, p. 27.833. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 13 abr. 2023, às 13h.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB 20/2009**, publicado no D.O.U. de 9/12/2009, Seção 1, Pág. 14. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECEBN202009.pdf?query=INFANTIL. Acesso em: 13 abr. 2023, às 12h26.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 13 abr. 2023, às 12h19.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**, Manaus, 2012. Disponível em: http://www.proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document//Politica_Nacional_de_Extensao_Universitaria_-FORPROEX-_2012.pdf. Acesso em: 13 abr. 2023, às 10h51.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932). **Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais**. In: Cadernos do cárcere. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 13-53.

SANTOS, Boaventura S. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2013.

SESC, Departamento Nacional. **Educação em Rede: culturas indígenas, diversidade e educação** (Vol. 7). Rio de Janeiro: SESC, 2019, 180p.